

PRÁTICAS FEMININAS DA MEMÓRIA PAULISTA:

UMA LEITURA DA CORRESPONDÊNCIA DOS PACHECO E
CHAVES.*

ROSANA CATELLI**

Resumo:

Este artigo trata da prática de escrever cartas pessoais, arquivar documentos e produzir memórias. Discute-se como estas experiências possuem sentido de "colonizar" ou "organizar" a História, em torno de vivências e referências familiares. Estas práticas eram comuns entre as famílias da elite paulista, com especial empenho das mulheres. Mais especificamente, o tema é abordado a partir da leitura da correspondência da família Pacheco e Chaves, escrita entre os anos de 1890 e 1930.

Palavras Chaves: Mulheres, Memória, Elite, Família, Brasil/República.

* Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado - A Correspondência da Família Pacheco e Chaves: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890-1930 - apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob a orientação da Profa. Mariza Corrêa. Este artigo foi recebido para publicação em junho de 1997.

** Mestre em sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

A obsessão pela origem o que traz consigo? Possíveis romances familiares. Alguns imensos, em vários tomos. Árvores, genealogias insaciáveis, com raízes firmes e em contínua, vertiginosa, multiplicação de ramos exemplares. Alguns menores, passíveis de cortes abruptos, fins de linha ou linhas duplas.(...) Também possíveis histórias de desenvolvimento individual, romances de aprendizado. Ainda aí, imagem vegetal - semente, fruto - enlaçada à árvore familiar, ao reiterado jogo de espelhos entre biologia e biografia, à mão única socialmente prefigurada para o aprendizado, o amadurecimento.¹

A correspondência pessoal

Este trabalho foi realizado a partir da leitura da correspondência de uma família da elite paulista cafeeira. A Coleção "Fernando Pacheco e Chaves,"² compõe-se de aproximadamente 1.300 documentos, entre cartas, diários, recortes de jornais, boletins escolares e recibos de compras em lojas de São Paulo e de cidades européias nos quais consta listagem de artigos adquiridos pela família, tais como livros, roupas, móveis, etc. A correspondência pessoal compreende a maior parte da documentação, abrangendo um período bastante extenso, sendo a mais antiga datada de 1878 e a mais recente redigi da no ano de 1968. O maior volume de cartas encontra-se entre os anos de 1900 e 1930.³

¹ SUSSEKIND, Flora. *O Brasilão é lone daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990, p.11

² Coleção Fernando Pacheco e Chaves - Museu Paulista - Setor de documentação.

³ Para esse período, a "Coleção Pacheco e Chaves" possui por volta de 850 cartas.

O acervo é composto de cartas entre pais e filhos, esposas e maridos, entre irmãos e parentes em geral, caracterizadas como escritos pessoais, sem nenhuma intenção de registro histórico. Entretanto, ele permite resgatar um conjunto de práticas sociais que não foram exclusivas aos Pacheco e Chaves, integrando o cotidiano das várias famílias da elite voltadas para os negócios com o café na República Velha. Nesse enredo estão presentes os arranjos matrimoniais, os favores políticos, a ascensão econômica com a produção do café, as viagens à Europa, a formação dos filhos, as *Fäuleins*, as geadas, as valorizações e quedas do preço do café, problemas com os colonos, a Primeira Guerra Mundial, crises familiares, entre outros aspectos que fizeram parte do universo social da elite paulista no período.

As mensagens contidas nestas cartas referem-se a fatos concretos do cotidiano familiar: saúde, dinheiro, encontros, negócios, estudos, etc. Revelam práticas e valores da sociedade à época, assim como os questionamentos de cada um dos membros quanto à relação pais e filhos, ao casamento, aos estudos e à prática religiosa. Neste artigo não tratarei propriamente do conteúdo inscrito nas cartas, mas da prática de escrever cartas, arquivar documentos e produzir memórias. Estas atividades foram desempenhadas por vários membros familiares, com especial dedicação das mulheres que cultivavam as reminiscências familiares e as trocas epistolares.

A descoberta de uma carta sempre nos incita a contar uma história, a resgatar o contexto de sua escrita e a reinventar uma trajetória pessoal ou familiar. A partir da leitura de uma série de cartas de um mesmo missivista, acontecimentos pessoais ou familiares vão se encadeando em nossa mente, fatos dispersos se unem numa lógica, parecendo dar sentido aos desejos, mazelas, tropeços e sofrimentos daquele que as escreveu. A linearidade que vai aos poucos se tecendo não é

necessariamente a mesma vivida pelo missivista, mas muitas vezes é inevitável nos seduzirmos pela "ilusão biográfica" da qual nos fala Pierre Bourdieu, em que procuramos representar a "vida como história" a partir de uma sucessão de eventos cujo elo mais visível é o nome próprio.

A sedução ocorre porque a carta nos apresenta em detalhes o cenário no qual ela está contextualizada. O missivista, que em geral está distante dos seus familiares, sempre inicia seu relato descrevendo a paisagem de onde está, os acontecimentos que estão a sua volta, as disposições emocionais que o levaram a escrever, os personagens coadjuvantes de cada cena ou a situação ali vivida e versões dos episódios narrados.

A correspondência pessoal foi comumente utilizada como subsídio para a elaboração de biografias de personalidades de destaque na vida pública. Artistas, literatos e estadistas tiveram sua correspondência pessoal devassada no intuito de que suas obras e idéias fossem melhor compreendidas. A leitura de cartas pessoais também incitou vários autores à elaboração de histórias de vida e biografias em que cada feito integra-se a um projeto que parecia já estar delineado desde a infância desses personagens. Essa reinvenção do passado por meio das cartas ocorre sistematicamente nos arquivos de pessoas célebres. Entretanto, tem-se dado pouca atenção à correspondência de pessoas comuns, cujas cartas deixadas em arquivos públicos ou particulares permitem também reinventar o passado. Uma reinvenção que pode ultrapassar a "ilusão biográfica" e permitir que nos apropriemos de uma memória, não tanto para reconhecer o passado como "verdadeiramente foi" mas, como coloca Boaventura, "reinventar o passado de modo que ele assuma a capacidade de fulguração, irrupção e redenção".⁴

⁴ SANTOS, Boaventura de Souza. A queda do angelus novus: fragmentos de uma nova teoria da história. *Novos Estudos CEBRAP*, n° 47, São Paulo, março de 1997, p.116.

A vida como história

A leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves convida a elaborar uma história da família, já que nela vários acontecimentos familiares eram descritos. Transcrevo aqui alguns fragmentos da trajetória dessa família da elite cafeeira a fim de contextualizar os missivistas de algumas cartas. O personagem principal dessa história é Fernando Pacheco e Chaves, que acumulou grande fortuna por meio da comercialização do café e que a partir dos anos vinte entra num processo de decadência financeira. Foi ele que ao longo de toda a sua vida incentivou seus familiares na prática de arquivar cartas e documentos.

Fernando Pacheco e Chaves nasceu na provinciana São Paulo da segunda metade do século XIX, em 1867. Seus pais, Elias Antonio Pacheco e Chaves e Anésia da Silva Prado, pertenciam a famílias proprietárias de terras e produtoras de café. Os pais de Anésia eram Veridiana Prado e Martinho Prado, e seus irmãos, Anna Blandina, Antonio, Martinho, Eduardo e Antonio Caio da Silva Prado. Esses personagens cumpriram papel de destaque no cenário paulista do século XIX e primeiras décadas do século atual, por terem participado ativamente do processo de urbanização da cidade que a transformou em metrópole. Os registros da presença dessas famílias se inscreveram no próprio espaço urbano: o velódromo Veridiana Prado, que deu origem ao Clube Atlético Paulistano, a praça Antonio Prado, assim nomeada em homenagem ao prefeito da época (1904), o edifício Martinico Prado, que na referência dos anos iniciais de 1900 era visto como um arranha-céu.⁵

Anésia e Elias tiveram dez filhos: Fernando, Marietta, Elias, Lucilla, Raul, Eponina, Eduardo, Anezia, Jorge e Antonio Caio. Fernando Pacheco e Chaves, o filho mais velho, estudou

⁵ REIS Filho, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos*. São Paulo, Hucitec, 1994.

Direito em Cambridge por volta de 1885 e participou das atividades comerciais e administrativas vinculadas aos negócios da família, entre eles, a Companhia Prado e Chaves, criada em 1880 para a administração das exportações do café.

Até o início do século XX a família Pacheco e Chaves vivera seu apogeu econômico, graças às boas colheitas e ao comércio do café. Em meados de 1890, Fernando casou-se com Alzira Barros, também pertencente à elite cafeeira. Entre 1897 e 1903 nasceram seus cinco filhos: Fernando Miguel, Elias Antonio, Olegário, Maria e Mário.

Fernando Miguel seguiu carreira militar, dedicando-se à aviação, como fizera seu tio paterno Edu Chaves, um dos maiores aviadores brasileiros do período. Cursou a Escola Militar do Realengo e a Escola de Aviação Marechal Hermes. Participou do grupo de repressão à revolta do Forte de Copacabana de 1922 e da Revolução de 1924, em São Paulo. Em 1926, comandou uma das tropas que perseguiram a Coluna Prestes, quando em passagem pela Bahia contraiu uma febre conhecida à época como "terça maligna", que o vitimou.⁶ Elias Antonio e Mário trabalharam em companhias privadas e como funcionários públicos em São Paulo ou na capital federal. Elias Chaves, que teve maior destaque no cenário público, divergia ideologicamente dos membros da família. Formou-se em Direito em 1923 e cursou Filosofia e Sociologia, em 1935, na Universidade de São Paulo. Trabalhou como advogado no Departamento Legal das Empresas Elétricas Brasileiras⁷, no Rio de Janeiro e Recife, onde morou nos anos de 1930. Em 1935 regressou a São Paulo e tomou-se advogado do prefeito em exercício (1934-38), Fábio da Silva Prado. Foi correspondente

⁶ Estas informações podem ser encontradas nas memórias de CHAVES Neto, Elias. *Minha Vida e as lutas de meu tempo: memórias*. São Paulo, Alfa-Omega,] 977.

⁷ Subsidiária da Eletric Bond and Share Company, truste americano de eletricidade do período.

de vários jornais e editor das revistas *Fundamentos* e *Brasiliense*, esta última entre 1954 e 1963. Após 1930, Elias Chaves entrou para o Partido Comunista e participou de várias atividades políticas, sendo preso várias vezes.

Antonio Olegário não teve nenhum destaque em sua vida profissional. Tomou-se boêmio e extravagante. Trabalhou na fazenda da família por um tempo, mas gostava mesmo era da vida na cidade, suas festas e cafés, sendo assíduo freqüentador da Confeitaria Vienense, no centro de São Paulo. Faleceu na década de 1940, vítima de um enfarte.⁸

Por fim, há a história da única filha mulher de Fernando, Maria Pacheco e Chaves. Esta auxiliou os pais nos momentos de crise financeira, dando aulas de religião. Jamais casou-se e dedicou sua vida a uma militância política vinculada a Igreja Católica. Fundou a Liga Independente pela Liberdade, associação católica de cunho anticomunista.

História, genealogia e geografia

Maria Pacheco e Chaves conta em seu livro que Fernando, seu pai, guardava todos os papéis, documentos e correspondência, pedindo a sua esposa e filhos que fizessem o mesmo. Ele considerava importante este arquivo e dizia que, "se num país todos jogam fora os papéis, sua história não poderia ser escrita".⁹ A obsessão de Fernando por guardar os vários registros da experiência vivida por sua família vai de encontro ao fato de que alguns membros do seu próprio núcleo familiar

⁸ As informações sobre os filhos de Elias Chaves e Antonio Olegário nos foram fornecidas, em entrevista, por Alzira Pacheco e Chaves, filha de Mário Pacheco e Chaves

⁹ PACHECO E CHAVES, Maria. *Os grandes esquecidos de 1/111 Brasil verdadeiro*. São Paulo, Liga Independente pela Liberdade, 1970. Esta informação também é dada por VAZ, Maria Luísa Albiero. *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo: conciliação e resistência (1890-1930)*. São Paulo, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1995.

procuraram manter as reminiscências familiares com escritos sobre a história dos Pacheco e Chaves. Assim, demarcaram uma origem, nomearam os antepassados e construíram uma memória.

A análise das cartas e memórias dos Pacheco e Chaves revelam que a conservação das cartas não foi um ato casual, mas tinham um sentido de "colonizar" e "organizar" uma história em tomo da família.¹⁰ A memória da família seria a referência para as futuras gerações, através de um passado reconstruído. As cartas arquivadas, testemunhos que originalmente serviam à comunicação dos familiares, transformam-se no registro de um mundo antigo vivido pela família.

Fernando e Alzira tentaram escrever suas memórias na forma de registros dos acontecimentos familiares, desde a infância de seus filhos.¹¹ Elias Chaves, o "Baby", teve suas memórias publicadas, dedicando o primeiro capítulo à história da família, enquanto os demais relatam sua trajetória a partir dos anos de 1930, centrando-se mais numa análise sociológica do período em que viveu do que em sua vida pessoal. Por fim, há as memórias de Maria Pacheco e Chaves, também publicadas, em que narra alguns aspectos da trajetória familiar. Sua narrativa glorifica os antepassados, resgatando desde aqueles mais remotos, vinculados à expansão cafeeira em São Paulo. Entretanto, não se trata de uma narrativa linear, pois misturam-se dados biográficos, históricos e discursos ideológicos vinculados à Liga Independente pela Liberdade, de cunho católico, na qual atuava politicamente no momento em que escrevia suas memórias, por volta de 1965.

¹⁰ Com relação ao ato de arquivar cartas familiares ver, POUBLAN Daniele *et alii*. *Ces Bonnes Lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*. Paris, Éditions Albin Michel, 1995.

¹¹ Esses escritos fazem parte da coleção Fernando Pacheco e Chaves, do Museu Paulista. Os de Alzira foram nomeados por ela mesma de "páginas soltas".

Até o final da vida, Maria guardou documentos e fotografias da família e construiu genealogias. Em meados dos anos de 1960, doou todo o seu acervo para o Museu Paulista. Preocupava-se em manter a memória familiar, assim como sua mãe Alzira, que freqüentemente relembrava os antepassados aos seus filhos. Nesse sentido, elas cumpriram o papel de transmissoras da história dos Pacheco e Chaves. Como coloca Perrot,

...às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita freqüentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem.¹²

As memórias dos membros da família não possuem uma sistematização factual ou cronológica. Na expressão usada por Ecléa Bosi, são "imagens-lembranças", fragmentos de experiências vividas pela família. Dois aspectos são sempre recorrentes nas memórias de Elias e Maria: a menção enfática ao irmão Fernando Miguel, morto em 1926, e a relação entre a história da família e os acontecimentos políticos e sociais do período. Nesses escritos, não há somente a tentativa de fazer uma história da família, mas também a de destacar a presença da família na formação da cidade de São Paulo.

Percebe-se muitas vezes que a representação que os Pacheco e Chaves fazem da sua trajetória familiar é a de terem contribuído para a fundação de uma nova "civilização", como

¹² PER.ROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9(18), São Paulo, ANPUH, 1989, p.] 5. Maria dedicou-se até o final de sua vida a transmitir a memória de sua família. Como não teve filhos, contava suas histórias para a sobrinha Alzira Pacheco e Chaves Solari, que ficou com vários documentos e fotografias da família e hoje, em suas reminiscências, se dispõe a contar histórias da família.

percursores do desenvolvimento de São Paulo a partir da expansão da economia cafeeira. Esta trajetória é narrada por meio das imagens de desbravadores, lavradores e principiantes de uma civilização paulista, em que genealogia e história da cidade se confundem. Desta forma, pode-se sugerir em suas narrativas uma similitude ao efeito de enleamento, entre biologia e biografia, que Sussekind aponta na obra dos cronistas das terras brasileiras recém-descobertas. Apesar da evidente distância temática e de contexto histórico, ambas as narrativas têm um ponto comum, uma "obsessão pela origem".¹³

Nas memórias em questão não se descrevem apenas as lembranças e a trajetória pessoal de seus narradores. Aparece um sujeito coletivo, que é a família Pacheco e Chaves. Mesmo quando Alzira registra seus pensamentos e ações diárias, há uma ênfase nos acontecimentos familiares. Em nenhum momento, tanto nas memórias como nesses registros diários de Alzira, há uma escrita pessoal ou sentimental. Não se trata de uma escrita imbuída da idéia de privacidade, em que se dê vazão aos pensamentos íntimos. Trata-se, desta forma, de registrar ou de pôr em memória a experiência da família, legando-a à posteridade como um documento histórico.

Alzira parecia desempenhar papel fundamental nesse elo entre história e genealogia. Remetia-se constantemente aos feitos dos antepassados para educar seus filhos, valorizando aspectos da personalidade e atos daqueles, como nos seguintes trechos de cartas de Alzira para seu filho Fernando Miguel:

O seu avô Martinho Prado, quando vendeu o colar de D. Veridiana para comprar o Campo Alto, fez tanta economia que quando vinha a São Paulo, só vinha quando sua avó esperava um filho- não podia

¹³ SUSSEKIND, Flora. Op.cit., p.11.

ir às festas porque não tinha roupas para isso. E note-se que foi um homem que sempre gostou muito de festas. O Barão de Iguape dava bailes, ele ia ajudar o irmão a arranjar a casa e retirava-se antes de chegarem os convidados. E assim fez durante muitos anos, meu filho, porque as fortunas sólidas não se fazem em dois dias. E neste momento lembrei-me do que dizia seu tio Eduardo: "O tempo só respeita aquilo que foi feito com o seu concurso"¹⁴.

Lavradores foram nossos pais, e gostaria que nossos filhos fossem também.¹⁵

Estes escritos são de um período em que a família já passava por séria crise financeira. Esse processo de decadência contribuiu para que Alzira reforçasse seu tradicionalismo, até por nostalgia de uma fase de opulência. Em seu diário faz uma espécie de "contabilidade da decadência". Fala de seus erros passados, do quanto foi imprudente com os gastos financeiros, de sua entrega à disciplina católica e dos bons momentos que a família vivera no passado. Segundo Corbain, os diários íntimos

registram simultaneamente o trabalho, o dinheiro, o lazer e a ação amorosa, desempenham o papel de contabilidades da decadência. O diário íntimo tenta exorcizar esta angústia de morte, que ele aviva com o próprio ato de escrever.¹⁶

¹⁴ Museu Paulista. doc. 10.667. São Paulo, 17 de março de 1924.

¹⁵ Museu Paulista. doc. 10.651. Santa Maria, 24 de maio de 1923.

¹⁶ Expressão usada por CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada - da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.4, São Paulo, Cia das Letras, 1991, p.457. Embora consideremos que os registros de Alzira não tinham propriamente o caráter de diário íntimo, como os analisados por Corbain para a França do século XVIII e início do XIX, as colocações deste autor são aqui pertinentes ao apontarem que esses registros diários estabelecem uma disciplina de

... mas eu não perco a esperança de escrevendo
consolar-me dessa terrível realidade: envelhecer.¹⁷

Nesta última frase, extraída de uma carta ao marido, Alzira referia-se não propriamente aos registros em diário, mas ao desejo de escrever "contos literários". De qualquer forma, havia uma aspiração de exorcizar a proximidade do envelhecimento ou da morte, que nos remete à colocação de Corbain. Em seu diário, Alzira descrevia sua luta para refazer seus hábitos, no momento em que a família deveria habituar-se a viver controlando seus gastos. O diário representava uma disciplina de interiorização por intermédio de atos confessionais cotidianos, pautando-se por dogmas católicos e pela urgência de refazer hábitos no momento da crise financeira:

Resoluções: não perder minhas manhãs, começar o meu trabalho por aquilo que mais me agrada: caridade, paciência, trabalho e oração.¹⁸

Estou contente, meu Deus, contente porque, conseguindo dominar a minha aversão por fazer contas, pus em ordem o meu livro-caixa. Ah! meu Deus, eu vos imploro a graça de estado, a fim de que possa zelar de minha casa, economizar, ter tudo em ordem, e trabalhar muito para ajudar meu Fernando, que por si só, neste momento, não pode dar vencimento de tudo.¹⁹

interiorização c uma prática de olhar para escrever sobre si mesmo, cada vez mais disseminada na sociedade moderna, visando a um exame permanente das próprias ações, culpas, fracassos e resoluções.

¹⁷ Museu Paulista, doc 10.568. S/I, s/d.

¹⁸ Museu Paulista, doc 10.754,31 de maio de 1922. 19 Id., 3 de agosto de 1921.

¹⁹ Id., 3 de agosto de 1921

Os Pacheco e Chaves atribuíam à sua trajetória um valor histórico. Havia um sentimento de superioridade por pertencerem às grandes famílias cafeicultoras de São Paulo, presente em muitos membros da elite paulista do café. Este sentimento, além de relevar a importância dos Pacheco e Chaves, vinculava-se também ao chamado "paulistismo". Estas famílias paulistas viam-se como arautos de uma nova civilização. Segundo Pacheco Borges,

...o regionalismo pretendia sobretudo mostrar o papel precursor da "civilização paulista"; "São Paulo" sabia o que era bom para o Brasil e era o grande responsável pela sua realização". Para consolidar essa imagem de precursores, os paulistas nos anos 1920 e 1930, ainda conforme a mesma autora, "resgataram a figura dos bandeirantes como símbolo que, entre outros aspectos, garantia a idéia de uma lealdade do estado à nação, forjando o mito do patriotismo paulista".²⁰

O livro de Maria Pacheco e Chaves está repleto de frases louvando à sua família e aos paulistas. Ela o escreveu nos anos de 1960, distante, portanto, do ideário no qual estava imersa sua família nas primeiras décadas do século XX, mas as imagens que ela apresenta dos paulistas foram elaboradas na convivência com

²⁰ BORGES, Vavy Pacheco. *Memória paulista*. São Paulo, EDUSP, 1997, pp.41-42. Com relação à utilização do "mito do bandeirante" pelos paulistas, Trigo afirma: "Tudo se passou como se a ameaça de declínio no campo econômico provocasse uma ampliação de valores próprios da aristocracia, como uma valorização do passado e das origens por um recuo no tempo". TRIGO, Maria Helena Bueno. Ser e parecer: estudo sobre as práticas de reprodução social do grupo cafeicultor paulista. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1989, p.102.

seus familiares e com membros da elite paulista.²¹ É por meio dessas imagens que procura construir uma memória da família e de seu irmão Fernando Miguel, dando a idéia de uma seqüência direta entre os bandeirantes, os cafeicultores paulistas e o soldado Fernando Miguel, que lutou por seu país:

Mas já, anteriormente, os seus antepassados, dentro desse espírito, que sempre presidiu os destinos de São Paulo, desde os seus primórdios, pela ação intrépida dos bandeirantes a dilataram as fronteiras do Brasil, no início do século XIX - o século da civilização do café.

O que notabilizou os promotores da "civilização do café" dos quais Fernando Miguel descendia, e de cuja civilização foi dito ser D. Veridiana Prado "a mais lídima expressão", foi o espírito de realidade, iniciativa, empreendimento e realização, cimentados por uma indefectível união, que presidiu a todas as suas decisões.²²

As lembranças de Maria Pacheco e Chaves se embasaram nos subsídios históricos fornecidos pelo contexto em que estava vivendo, assim como as de seus pais e irmãos. Cada qual fez uma seleção de fatos e os ordenou de acordo com suas

²¹ A relação presente-passado na elaboração de uma memória é referida por Borges da seguinte forma: "Quando a memória de uma sociedade se preocupa com fatos passados, é porque esses dizem respeito ao presente, têm algum sentido para o presente dessa sociedade. (...) O sentido desses fatos, em geral, está ligado à identidade da sociedade, por tratar, geralmente, dos eventos históricos que fundam essa sociedade. (...) Quando um grupo social qualquer celebra um acontecimento específico de qualquer natureza, o grupo celebra a si mesmo, isto é, apresenta de forma simbólica aquilo que considera como essencial à própria existência". Id.,ib., p.44.

²² PACHECO E CHAVES, Maria. Op.cit., pp.20 e 19, respectivamente

concepções no momento da escrita. O lugar onde o relato foi elaborado é, deste modo, imprescindível na compreensão de cada uma das memórias produzidas. Nas palavras de Halbwachs,

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se bem alterada.²³

Desta forma, a reconstrução do passado levada a cabo por Maria Pacheco e Chaves é bastante diversa daquela empreendida por Elias Chaves. Preocupada em defender a propriedade privada em face da "ameaça comunista" dos anos de 1960 e em garantir a "marca" da família na história do país, ela privilegia a lembrança dos feitos militares do irmão, dos vãos de Edu Chaves com todo o civismo da época, do avô Martinho Prado como o grande desbravador paulista, bem como os atos de outras personalidades que atestassem os feitos e os méritos da oligarquia paulista e principalmente da sua família. O próprio título de seu livro, *Os esquecidos de um Brasil verdadeiro*, é bastante sugestivo da sua intenção de garantir um lugar para a sua família ou para as famílias paulistas na memória nacional. Desejo este herdado de sua mãe Alzira, conforme a própria Maria relata:

Este livro nasceu do desejo de uma mãe. Uma mãe que sabia o valor de seu filho e desejou que ele fosse um exemplo para a mocidade, no que possuía de mais elevado e nobre: o amor ao dever. (...)

²³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990, p.71.

Resolvemos, pois, quando do IV Centenário da cidade de São Paulo, que o viu nascer, revelar a todos o valor de sua vida publicando a sua fé de ofício. Dessa forma ver-se-ia, em parte, realizado o desejo da minha mãe de "que um dia pudéssemos escrever a vida de Miguel", conforme o disse meu pai, que me transmitiu esse anseio do seu coração materno.²⁴

Já seu irmão Elias Pacheco e Chaves, que se tomou militante político de esquerda, releva em suas memórias os movimentos operários, a Revolução de 1930, o getulismo. Ao contrário da irmã, ele romperia ideologicamente com o grupo social no qual fora criado, conforme ele mesmo relata:

...com a queda do governo e das instituições baseadas na Constituição de 1891, em cujo espírito me formara, ruína a base das minhas convicções. Na realidade me senti aliviado, aliviado de lutar contra a corrente.²⁵

Essas reminiscências dos Pacheco e Chaves, principalmente as de Alzira e Maria, acabaram por produzir um "enquadramento" da memória familiar, na expressão de Pollack.²⁶ Segundo este autor, o

trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um

²⁴ Id.,ib., p.15.

²⁵ CHAVES, Elias. Op. cit., p 41.

²⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2(3), 1989.

sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.

Por um lado, nas memórias e nos registros diários de Alzira procurou-se garantir a unidade do grupo, o prestígio do nome, a qualidade de "grande família" - atributos que se constituem em capital simbólico e que sobrevivem por algum tempo, mesmo que haja diminuição do patrimônio econômico. Por outro, esse "enquadramento" se fez no sentido de construir uma memória familiar associada à origem paulista, ao mesmo tempo que se servia de uma memória histórica fundada no "mito do bandeirante", principalmente nos escritos de Maria Pacheco e Chaves. Três elementos, portanto, compõem as memórias dos Pacheco e Chaves: genealogia, história e geografia. Este último elemento está presente não só com referência a São Paulo de uma forma geral, mas também com relação aos espaços ocupados pela família na cidade. A memória da família está inscrita no próprio espaço urbano; por exemplo, na rua Dona Veridiana, bairro de Higienópolis, no palacete Elias Chaves, em Campos Elíseos, locais de residência da família e que marcaram de forma arquitetônica sua presença na cidade. Espaços que, como coloca Bresciani, formam a complexa "doxa urbana", diálogo construído no terreno urbano, acumulando significações e memórias difusas.²⁷

Em uma análise de memórias e correspondência de uma família da aristocracia rural francesa do início do século, Saint

²⁷ BRESCIANI, Maria Stella. Nas ruas os caminhos da cidade. *Cadernos de História de São Paulo*, n° 2, São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan-dez. 1993.

Martin afirma que estes documentos da memória representam um empreendimento de celebração da família. Este procedimento, segundo a autora, é fundamental para a reprodução do capital social dos membros familiares.²⁸ Esse trabalho simbólico e prático gera um "espírito de família" ou institui a idéia de família, como coloca Bourdieu, e é de responsabilidade de todos os membros familiares. Mas são particularmente as mulheres que se encarregam de perpetuar a "família como corpo ao preço de uma criação continuada do sentimento familiar".²⁹ Com tal trabalho não só se garante a reprodução do grupo familiar e social, como também se institui uma realidade ou "um modo de existência: a vida em família".³⁰

As cartas familiares

Assim como as memórias, a correspondência dos Pacheco e Chaves revela uma grande celebração da família, seja na ênfase à origem familiar, seja na preocupação em manter as reminiscências. Também como nas memórias, as cartas da família não se pautavam pelo tom íntimo, ou seja, não representavam um ideal de "privacidade"³¹ ou de refúgio interior; eram escritas para serem lidas por todos. É desta forma que Alzira comenta a leitura de uma das cartas que recebeu de seu filho Antonio Olegário:

²⁸ SAINT MARTIN, Monique. Une grande famille. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 31, Paris, Minuit, 1980.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Campinas, Papirus, 1996, p. 130.

³⁰ Id.ib., p. 134.

³¹ GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.320.

A sua carta estava impagável e foi muito apreciada por todos. Chegou a hora do almoço, fez a volta da mesa, de mão em mão, e, ora tio Raul, ora Carlos, liam algum trecho em voz alta. Eu só pude ler depois do almoço, depois que todos tinham lido.³²

As cartas podiam ser qualificadas pelos próprios familiares como "íntimas", conforme se observa na preocupação explicitada numa carta de Alzira ao marido.

Esta vai tão pouco interessante como as outras, mas leva uma cópia de um trecho da carta de Jean a Alice que vale a pena ser lido. Copiei-o ontem para enviarte. Peço-te que depois o mandes a Miguel. D.Nesinha gostaria que fosse publicado, mas hesita, por não saber se será conveniente, publicar uma carta íntima sem o consentimento de quem as mandou. E manda dizer-te que decidas a questão.³³

Entretanto, "íntimo" significava restrito à família, estendendo-se a primos, tias e tios. As cartas celebravam esses laços familiares, garantiam a continuidade da "grande família" por meio de uma rede de trocas epistolares. Era muito frequente que cartas fossem lidas por outras pessoas além do destinatário, como se observa nesta passagem em que Alzira adverte Elias Antonio sobre o fato de que várias pessoas reclamaram da sua caligrafia:

³² Museu Paulista, doc. 10.734. São Paulo, 7 de agosto de 1920.

³³ Museu Paulista. doe. 10.524. Santa Cruz, 9 de agosto de 1915. O trecho da carta de Jean e Alice citado por Alzira não pôde ser aqui reproduzido porque não figura no acervo

Em casa de tia Eponina estão indignados com a tua letra, pois ninguém conseguiu ler a carta que escreveste a Luizon. Imagino o que dirão os teus examinadores? Hão de pensar que não sabes de escrever porque além da letra cometes erros! É preciso: é necessário venceres a tua preguiça e tomar a única resolução de mudar de letra. Adota a americana que é tão fácil de ler. A nossa letra deve ser tão legível quão claras devem ser nossas idéias. Casa-se hoje o Eduardo. O casamento vai ser com grande pompa. É na Igreja do Coração de Jesus. Houve ontem ensaio de cortejo, no qual tomam parte onze *demoiselles* e *garçons d'honneur*. Tote vai carregar a cauda da noiva. Nós não vamos à festa, nem fomos para ela convidados, pelo motivo que já sabes. Tia Marietta esteve ontem aqui e falando nisso chorou dizendo que nunca pensou que não pudéssemos assistir ao casamento do Eduardo (...). Os negócios aqui vão de mal a pior - não sabemos no que vai dar.³⁴

Alzira prossegue dando informações sobre o casamento de seu sobrinho Eduardo, filho de Marietta, irmã de Fernando. No relato é a idéia de "grande família" que vai se tecendo por meio dessas várias informações, comentários, bisbilhotices e demais pormenores familiares. E as mulheres cumpriam papel especial nesse circuito de informações. As cartas trocadas entre os homens da família geralmente tratavam de negócios, viagens ou favores políticos, enquanto as esposas trocavam variadas impressões sobre a família, assim como eram responsáveis por enviar missivas de cortesia que asseguravam o elo afetivo e

³⁴ Museu Paulista, doc. 10.731. São Paulo, 14 de dezembro de 1920

familiar. Essas cartas representavam também trocas simbólicas, instituindo e reforçando as relações familiares.

Reitera-se aqui a idéia de Saint Martin, já mencionada, de que a celebração da família garante a reprodução do grupo social por intermédio da manutenção dos vínculos afetivos ou de interesses. Esta celebração garante também o prestígio do nome, a consciência de não ser como os outros e de pertencer a uma "grande família".³⁵ No trecho reproduzido abaixo, observa-se que Alzira, escrevendo a Anésia, demarca os laços familiares e, citando palavras de Maria, sublinha a importância do nome de família, um dos atributos do capital simbólico.³⁶

Olegário ficou contentíssimo com a estada do padrinho aqui. Pediu a Fernando para comprar um lápis de ouro para dar a Eliasinho e a senhora não imagina com que prazer lhe deu! Ele anda com muitas saudades da senhora, de vez em quando diz "eu só gostaria que vovó viesse para Europa, assim eu faria como Elias com D. Nicota, andava sempre com ela". E Maria declarou que quer se casar com tio Antonio para não mudar de nome. Baby continua muito atarefado com os estudos e Miguel a gozar as férias. Mário está cada vez mais parecido com Jorge!³⁷

³⁵ SAINT MARTIN, Monique de. Op.cit.

³⁶ Maria Luísa Albiero Vaz comenta também o trecho em que Maria pede para não mudar de nome, o que segundo esta autora revelaria um apego à tradição e ao conservadorismo. Segundo ela, "era difícil conciliar seu estilo dinâmico de vida com a representação que faziam de si mesmos, baseada no conservadorismo. Tinham necessidades de aparentar estabilidade, através do apego aos rituais em geral e à rotina doméstica, monótona e repetitiva". V AZ, Maria Luísa Albiero. Op.cit., p.42.

³⁷ Museu Paulista, doc. 10.479. Val-Mont, 2 de agosto de 1911

Práticas femininas da memória paulista...



Alzira Pacheco e Chaves, 1908. Arquivo Familiar

A carta que contém este trecho foi escrita em 1911, quando a família ainda vivia seu apogeu econômico e as crianças estudavam na Europa, em Lausanne. São citados os filhos de Alzira, sua sogra, cunhados e tio. Essa ciranda de informações e referências familiares está presente em inúmeras cartas, celebrando não só os Pacheco e Chaves, mas também os lugares construídos e habitados pela família, como numa carta de Alzira para seu filho Elias:

Hoje foi embora o menino belga que quer trocar cartões com vocês. Você, Miguel e Olegário mandem cartões bonitos - a chácara da vovó Veridiana, a estação da Luz, a chácara de Tio Antonio.³⁸

A leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves pode também nos levar a perceber como se dava a construção da rede de relações do grupo social em que se inseriam, pois por meio das missivas tratava-se de constituir as conexões entre as famílias, cafeicultores, políticos, etc.

As cartas adquirem maiores significados quando lidas em conjunto. Na maioria das vezes, como coloca Poublan, "uma carta isolada não faz sentido, no limite ela não existe, cada mensagem é um fragmento de uma relação mais longa no tempo, mais ampla no campo social".³⁹ As trocas epistolares formavam um circuito de comunicação com uma pluralidade de significações. No final do século XIX o mundo social se alargava: a cidade ampliava não só suas fronteiras, mas também as práticas sociais e culturais. As viagens eram então necessárias

³⁸ Museu Paulista. doc. 10.730. Davos-Platz, 20 de fevereiro de 1906.

³⁹ POUBLAN, Danièle. Affaires et passions. Des lettres parisiennes au milieu du XIX siècle. In: CHARTIER, Roger (org.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX*". Paris, Fayard, 1991, p.392.

e constantes, e as cartas um dos meios de obter notícias. O ritual de escrever cartas era quase que diário, mantendo um ritmo intenso de intercâmbio de notícias e novidades.

Entreguei ontem a minha oitava carta e estou escrevendo a nona! O meu pensamento estando aí, só me sinto à vontade quando estou escrevendo. Papai, Maria e Olegário ainda dormem, e eu vim para o jardim, com a minha malinha de escrever, sentei-me no degrau da porta da capela e aqui estou a escrever-te. Deste mesmo lugar vimos muitas vezes o bombardeio da cidade. (...) Ontem deram nos jornais da tarde um telegrama oficial dizendo que as tropas legais ocuparam Porto Tibiriçá. A notícia é lacônica porém antes assim que nenhuma.⁴⁰

A correspondência, como coloca Corbin,

preparava as visitas, acompanhava as trocas de presentes e os serviços baseados na complementação geográfica ou funcional. Através das correspondências desenha-se uma hierarquia familiar, resultante da ordem de nascimento, baseada no êxito pessoal.⁴¹

As cartas seguiam uma série de normas e uma linguagem apropriada que traduziam a relação entre aqueles que se correspondiam, respeitando principalmente as hierarquias familiares e o respeito dos filhos aos pais. Fernando Miguel, ao escrever para seus pais, faz uma ironia acerca da forma como

⁴⁰ Museu Paulista, doc. 10.678. São Paulo, 3 de setembro de 1924. Alzira para Elias Antonio.

⁴¹ CORBIN, Alain. Op.cit, p.5 I 7.

termina sua carta, demonstrando que a escrita não era livre. Além das regras estilísticas, uma carta não poderia despojar-se dos códigos relativos às próprias relações familiares:

Quanto aos outros faço votos de costume para que gozem a mesma saúde que eu, como se dizia na moda antiga, isto naturalmente sem esquecer mamãe, que peço não se formalizar por esta falta de obediência à hierarquia patriarcal, que a encrencada construção de uma frase encrencada me fez cometer.⁴²

Alzira cobrava freqüentemente que seus filhos lhe escrevessem, contando tudo que lhes acontecia enquanto estavam estudando fora. Quem mais correspondia a esta cobrança era Fernando Miguel, que escrevia longas cartas, descrevendo sua rotina, problemas com as namoradas, descobertas nos estudos e percepções sobre a sociedade brasileira e européia, como no trecho a seguir reproduzido, de uma carta escrita a seus pais no período em que ainda estava estudando em Lausanne, em que comenta seu envolvimento com uma moça brasileira:

Se eu não tivesse falhado por simples vagabundagem e por causa de Sylvia, mais de 150 horas de curso no primeiro trimestre deste ano teriam ficado, mesmo se tivesse tido as más notas que tive por causa dessas falhas e das minhas escapadas ao hotel Royal, coisa que teria sido por assim dizer impossível se Sylvia não estivesse aqui. Felizmente tive uma recompensa *écletante* que me

⁴² Museu Paulista, doc. 10.836. Marechal Hermes, 17 de março de 1920.

servirá de lição a vida toda e não há hipótese que caia de novo desta maneira para fazer um papel de idiota como fiz. Esta recompensa é, segundo notícias que me vêm de Paris, que a minha "namorada", que assina cartas *your fond love*, que põe em música umas porcarias de rimas laboriosíssimas minhas, está namorando um idiota qualquer gênero "Plínio e Augusto". É assim que são as meninas de hoje: acham graça de ver um sujeito caído diante delas e então encorajam a corte que se lhes faz. Desde que se vêm longe de um, recomeçam o manejo com outro. E eu que fui idiota o bastante para pensar que as moças brasileiras não eram assim, que isso era privilégio das européias. Garanto que se não fossem os prejuízos e a vergonha fariam bem pior. Para mim foi muito bom, porque vi pelo meu estado depois disso que não estava absolutamente apaixonado. Imaginava estar, iludia-me a mim mesmo.⁴³

Essas cartas trocadas entre Alzira e Fernando Miguel sobre relações amorosas, casamento, família etc., além de nos remeter ao significado das epístolas familiares, propiciam meios para pensar sobre as próprias relações familiares ou mesmo sobre a idéia de família. No trecho a seguir, Fernando Miguel, em carta aos pais, aborda justamente a questão da paternidade/maternidade:

Só tenho confiança nos amores confirmados por no mínimo dez ou quinze anos de muitos filhos e de muita constância, se não será exceção. Aliás isso é necessário que seja assim, senão a vida seria

⁴³ Museu Paulista, doc. 10.805. Lausanne, 23 de julho de 1914.

impossível, pois a gente é organizada em vista da conservação da espécie e não do indivíduo e por isso o amor dos pais para os filhos e dos pais entre si por causa dos filhos tem necessidade de ser muito mais constante do que o de um homem para uma mulher e vice-versa, porquanto fazer um filho não custa, criá-los é que são elas. Desculpem-me a liberdade de linguagem mas a coisa não é outra e se no princípio o amor do pai é mais raciocinado do que espontâneo é porque o pai não tem que dar de mamar ao seu filho e é somente por um raciocínio, às vezes complicado, que ele sabe que o filho é mesmo seu! Acho mesmo que no princípio e em contradição com o que eu já disse o amor pela mulher deve inspirar os primeiros devotamentos do amor paterno, mas isso nem sempre pois eu tenho muita vontade de ter um filho e nenhuma de ter uma mulher: estou estudando um jeito de arranjar um filho de mãe incógnita! O ideal é ser como eu que posso contar com um pai e uma mãe a prova de fogo e por isso não me aborreço, sou um homem perfeitamente feliz.⁴⁴

Mas a correspondência poderia ser utilizada das mais diversas formas, na maioria das vezes com o objetivo de garantir todas essas relações familiares, nem sempre perfeitamente dentro das regras, e às vezes com o intuito mesmo de contorná-las.

Casou-se ontem a Maria Penteado. Eu me esqueci de mandar felicitá-los. Escrevi a D. Olívia uma carta

⁴⁴ Museu Paulista, doc. 10846, Marechal Hermes, 28 de maio de 1920.

com data atrasada, a fim de ver se consigo pôr nas costas do correio, a culpa que é bem minha.⁴⁵

Mesmo que driblando regras, a correspondência pessoal construía e solidificava uma rede de relações, composta principalmente por parentes, mas que contribuía também para consolidar as conexões políticas e econômicas, entre as famílias de elite do período. As mulheres tinham um papel especial nessa construção, realizada não só por meio das cartas, como nas memórias e demais práticas femininas. Essas atividades desempenhadas pelas mulheres da elite tinham a família como centro e estavam circunscritas na maioria das vezes nos limites do espaço doméstico. Entretanto, a significação social das trocas epistolares e da construção de uma memória extrapolava as fronteiras da casa ou da própria família. Através do arquivo de documentos, troca de papéis e da reconstrução de um passado paulista, essas mulheres vinculavam-se a um fórum público que garantiu a presença da elite paulista no cenário nacional, solidificando a imagem de precursores e arquitetos de um ideário de civilização moderna.

⁴⁵ Museu Paulista. doc. 10.586. São Paulo, 30 de maio de 1919. Alzira para Fernando Miguel.

FEMININE FORMS OF REMINISCING IN SÃO PAULO:
A READING OF THE PACHECO E CHAVES FAMILY CORRESPONDENCE

Abstract

This article focuses on the practice of writing personal letters, preserving documents and producing reminiscences. Analysing the Pacheco e Chaves family letters, written between 1890 and 1930 by ordinary women among São Paulo upper class families, I discuss how those practices "colonize" history, talking the family as reference.